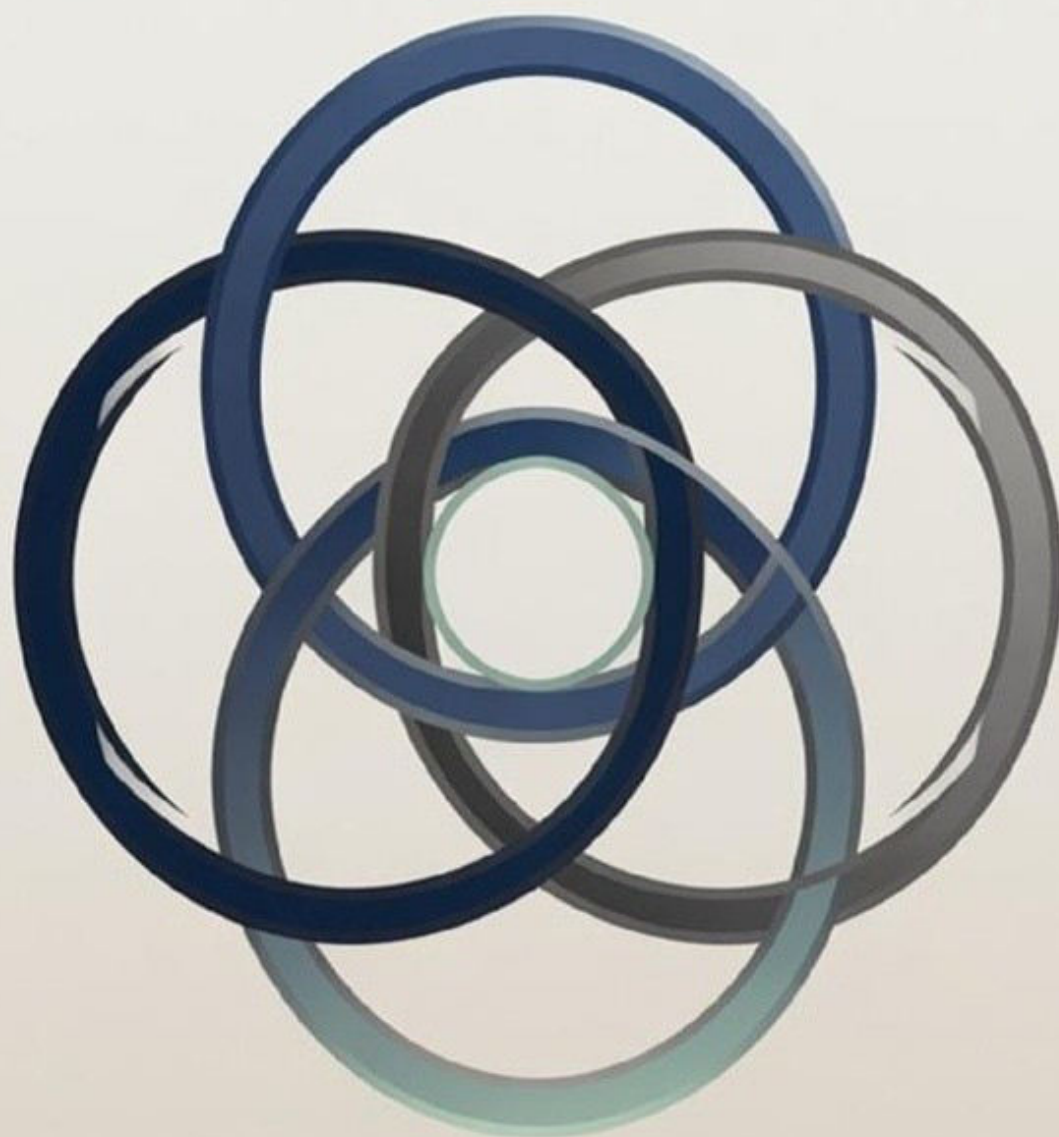


LIANÇAS

Revista da Associação Piauiense de Psicanálise



ISSN – 3086-688X

Ano 1 | N° 1 | 2026

Teresina - Piauí

Psicanálise
no Buteko

APP

Associação
Piauiense de
Psicanálise

RESENHA CRÍTICA

Psicanálise no Buteko

Psicanálise no Buteko Um encontro despojado com a palavra



Sobre a iniciativa - Uma realização da Escola Freudiana – Seção Teresina, que propõe uma série de diálogos ao longo de Encontros mensais.

O conceito - Trata-se de um formato de encontro leve e acessível, cujo objetivo é debater temas de relevância social sob a perspectiva psicanalítica. A reunião ocorre mensalmente em diferentes bares de Teresina.

Nossa missão - Democratizar o acesso ao saber psicanalítico, aproximando a clínica de espaços públicos e descontraídos, fomentando diálogos fundamentais sobre a subjetividade humana.

A escolha do "Buteko" - A escolha não é aleatória; é o lugar da verdade. É o espaço do encontro sem máscaras, onde a palavra circula com liberdade e as defesas do ego são, por um breve momento, deixadas de lado.

**Tudo começou
assim...**



Segue a apresentação do Card de cada Encontro realizado com sua Temática e o articulador da palavra, da lógica, do sentido.

Para cada Encontro é apresentado uma **TEMÁTICA** em prol da transmissão da Psicanálise.

1. Resenha Crítica: O Que Nos Une - Reflexões sobre o Laço Social na Contemporaneidade.



**A psicanálise debatida
em uma roda de bar.**

Local: **DECK THE**

Avenida Joaquim Nelson, 1937 - Dirceu

Horário de chegada: 19 às 19:30h

15/11/2024

- Custo Individual -

Tema do Evento de abertura:

"Psicanálise: o que nos une".

Com o Psicanalista Lázaro Tavares.

Ao revisitar a trajetória dos encontros realizados no ciclo Psicanálise no Buteko, somos provocados por uma questão que, embora central na teoria, ganha contornos de urgência quando transposta para a praça pública: "O que nos une?" (nosso primeiro Tema, nosso primeiro Evento). Em uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada pelo impacto dos algoritmos, a resposta torna-se um exercício analítico necessário.

Ao conectar essa interrogação aos desafios de nossa época — o desamparo crescente, a velocidade alucinante da informação e a necessária manutenção da ética do analista —, estes encontros propõem uma reflexão profunda e autêntica.

Não se trata de uma busca por respostas fáceis, mas de uma sustentação da pergunta freudiana e lacaniana em meio ao ruído cotidiano. Ao fim, a experiência desses encontros nos revela que a psicanálise, quando levada ao "buteko" ou a qualquer espaço de debate, atua como um motor que possibilita a união entre os sujeitos, não pela via da completude, mas pela via do desejo que nos convoca ao laço.

A premissa destes encontros subverte a lógica do senso comum: o que nos une, efetivamente nte, não é o que temos em comum enquanto identidades ou gostos compartilhados, mas justamente o que partilhamos enquanto falta ou sintoma. Sob essa perspectiva, o evento deixa de ser apenas uma palestra e torna-se um dispositivo de laço social.



TEMA E REFLEXÃO: Psicanálise: O que nos une

A proposta deste espaço é promover uma aproximação da psicanálise com as pessoas e debater questões da atualidade. O objetivo é aproximar a teoria do público por meio da conversa e do debate em torno de uma ideia, incentivando o relacionamento interpessoal em ambientes descontraídos.

Chegou o tempo não apenas de revisar nossa metodologia para induzir nossas "verdades", mas também de desenvolver novos enfoques que tornem possível estarmos abertos a novas ideias e, por sua vez, sermos capazes de avaliar sua utilidade por meio de argumentações arraigadas.

A música *Levanta e Anda*, do rapper Emicida, ilustra a realidade social, a superação de adversidades e a importância de acreditar nos sonhos:

“Quem costuma vir de onde eu sou Às vezes não tem motivos pra seguir Então levanta e anda, vai, levanta e anda Mas eu sei que vai, que o sonho te traz Coisas que te faz prosseguir Então levanta e anda, vai, levanta e anda Somos maior, nos basta só sonhar, seguir”.

**Reflexão: Psicanalista Lázaro Tavares*

“O QUE NOS UNE”

A afirmação “O que nos une – o que nos aproxima – são nossos afetos, convicções, ideias e paixões” é uma síntese poderosa da visão psicanalítica sobre a natureza das conexões humanas. Vamos desmembrar essa frase — (quem quiser falar um pouco, fale!) — e explorar suas implicações:

Afetos: A psicanálise enfatiza o papel central dos afetos (emoções) em nossas relações. É através deles que estabelecemos vínculos profundos. O amor, a raiva, a tristeza e a alegria moldam nossas interações e nos aproximam ou distanciam do outro.

Convicções: Nossas crenças e valores pessoais funcionam como bússolas que orientam nossas vidas e escolhas. Quando encontramos pessoas que compartilham nossas convicções, sentimos um senso de pertencimento e conexão.

Ideias: O intercâmbio, a discussão e o debate são fundamentais para a construção do conhecimento e para a formação de laços sociais. Compartilhar perspectivas nos permite expandir horizontes e conectar-nos com aqueles que pensam de forma semelhante.

Paixões: A paixão é uma força motriz poderosa que nos impulsiona a agir, criar e nos relacionar com o mundo. Ao compartilhá-la, criamos um senso de comunidade e propósito.

A psicanálise nos ensina que:

A identidade é construída nas relações: Não somos ilhas isoladas, mas seres sociais que se constituem através das interações.

A linguagem é fundamental para a conexão: Através dela, expressamos sentimentos e desejos, estabelecendo pontes com o próximo.

O inconsciente influencia nossas relações: Muitas vezes, nossas escolhas e comportamentos são pautados por processos inconscientes, que podem tanto facilitar quanto dificultar nossas conexões.

Em resumo, a frase **“O que nos une – o que nos aproxima – são nossos afetos, convicções, ideias e paixões”** nos lembra que a humanidade é um tecido complexo e multifacetado, onde as conexões são construídas a partir de um conjunto de elementos subjetivos e intersubjetivos. Ao compreendermos as forças que nos unem, podemos fortalecer nossos vínculos e construir um mundo mais justo e solidário.

2. Resenha Crítica: Como sustentar o amor, sabendo que não se é o objeto exclusivo de desejo do outro?

O amor, na contemporaneidade, frequentemente é capturado pela fantasia da completude e da exclusividade. Somos impulsionados por discursos românticos que prometem no "Outro" a cura para nossas faltas e o preenchimento de nosso vazio. No entanto, a psicanálise nos convoca a uma travessia mais sóbria: o reconhecimento de que, na estrutura do desejo, não somos — nem poderíamos ser — o objeto exclusivo de desejo do outro.

O impasse do desejo

A questão central que sustenta este debate é a desilusão necessária do narcisismo. Lacan nos ensina que o desejo é, por definição, um desejo de falta. Quando exigimos do parceiro que ele nos tome como seu único objeto de satisfação, estamos, na verdade, tentando negar a alteridade. O "não ser o objeto exclusivo" não é um sinal de fracasso amoroso, mas a própria condição de possibilidade de um amor que não se limite ao sufocamento ou à possessividade.

O amor como abertura à alteridade

Sustentar o amor, a partir dessa premissa, exige uma ética da responsabilidade e do desapego. Se o outro deseja algo além de mim, isso significa que ele é um sujeito vivo, dotado de sua própria falta e de seu próprio campo de desejo. Amar, portanto, deixa de ser uma operação de posse e torna-se um ato de sustentar o espaço onde o outro possa, também, ser um sujeito — e não apenas um espelho para as nossas projeções.

Conclusão:

O "Buteko" como cenário de verdade Em um ambiente como o "Buteko", onde a palavra circula sem a polidez das máscaras sociais, o tema ganha uma contundência especial. Ao debatermos essa impossibilidade da exclusividade absoluta, propomos um desvio: a aceitação da falta como a ponte que une dois sujeitos, e não como o abismo que os separa. Sustentar o amor, sabendo que não somos tudo para o para o outro, é, talvez, o ato mais radical de liberdade que a psicanálise nos permite experimentar.



3. Resenha Crítica: Quem eu seria se não precisasse agradar ninguém? — Entre a Máscara e o Desejo



Este tema é, talvez, o mais potente de todos os que tratamos, pois ele atinge em cheio a "cerca" que o sujeito constrói em torno de si mesmo para sobreviver ao olhar do Outro.



O questionamento proposto - quem eu seria se não precisasse agradar ninguém? - não é apenas uma pergunta sobre liberdade, mas uma interrogação sobre a própria estrutura da subjetividade. O debate realizado trouxe à luz a fragilidade do "eu" que se sustenta, essencialmente, pela via do agradar, da complacência e da incessante busca reconhecimento.

A discussão apontou que, frequentemente, o sujeito se aliena em um personagem desenhado para satisfazer as expectativas de pais, parceiros, instituições ou do olhar social. A pergunta, portanto, desvela o quanto do que chamamos de "eu" é, na verdade, uma construção reativa ao desejo do outro. Se retirássemos a necessidade de agradar, o que restaria? O encontro indicou que, embora o medo do vazio seja imenso, é exatamente nesse ponto de desamparo que o desejo singular pode, pela primeira vez, ganhar contorno. O que a psicanálise ensina, e que ficou evidente nesta

reflexão, é que a ética do analista visa exatamente isso: levar o sujeito a sustentar o seu desejo para além da demanda alheia. Ser quem se é, sem a necessidade de agradar, não significa viver sem laços, mas sim sustentar o próprio desejo com a devida separação frente ao desejo do Outro. Ao final, o encontro nos deixou com a provocação de que o "eu" só começa, verdadeiramente, quando o sujeito aceita o risco de desagradar para poder, finalmente, habitar a própria verdade.

4. Resenha Crítica: O Tempo da Repetição e a Ilusão do Novo — O Fim do Ano como Sintoma.

O encontro de novembro de 2025 propôs uma reflexão oportuna sobre o fenômeno cíclico que marca o fim do ano: a esperança desesperada de que a virada do calendário traga, por si só, uma ruptura com o passado. A discussão investigou como o desejo de "começar de novo" opera, frequentemente, como uma ilusão que mascara o tempo da repetição — o automaton — que governa a subjetividade para além da contagem cronológica.

O debate destacou que o fim do ano funciona, no imaginário coletivo, como um sintoma.

Ao projetarmos no futuro a expectativa de uma transformação radical, tentamos contornar a angústia diante da repetição dos mesmos impasses, das mesmas escolhas e dos mesmos afetos.

A psicanálise, ao contrário, convoca o sujeito a reconhecer que não há "novo" capaz de apagar a marca do sujeito no seu próprio sintoma; o que há é a possibilidade de fazer algo diferente com o que se repete.

A conclusão do encontro foi um convite à ética da análise: mais do que a busca por renovações superficiais, trata-se de sustentar a interrogação sobre o que nos faz insistir, ano após ano, nas mesmas posições. O fim do ano, portanto, deixa de ser um marco de "mudança" para se tornar uma oportunidade de reconhecer o desejo que insiste, para além das ilusões do calendário.



5. Resenha Crítica: Entre a Demanda da Mãe e o Desejo da Mulher — O que resta quando a maternidade ocupa a cena?

O debate sobre a tensão entre a função materna e a posição de mulher, trazido pelo Psicanálise no Buteko, desvelou um impasse fundamental da subjetividade feminina. A questão que norteia esta reflexão — o que resta da mulher quando nasce a mãe? — coloca em evidência a complexa sobreposição de registros que, embora convirjam no mesmo corpo, operam sob lógicas distintas.

**ESCOLA FREUDIANA
DE PSICANÁLISE**
Seção Terresina
APRESENTA
PSICANÁLISE
NO BUTEKO
TEMA:
DEMANDA DA MÃE E O DESEJO DA MULHER. O
QUE RESTA DA MULHER QUANDO NASCE A MÃE?
COM O PSICANALISTA EM FORMAÇÃO
THIAGO MORAES
Local: CHAMA BAR - Rua General
Aldemar Rocha, 2110 - Bairro de Fátima
DIA: 29/10/2025 - **HORÁRIO:** 19h20

A discussão pontuou que, enquanto a demanda da mãe é convocada pelo lugar do Outro — a criança como objeto que completa uma falta —, o desejo da mulher permanece, em essência, como algo que não se deixa capturar totalmente pela maternidade.

O risco contemporâneo, apontado no encontro, é a identificação absoluta da mulher ao lugar de "Mãe-Ideal", uma armadilha que visa apagar a castração e sustentar um amor que, por pretender ser total, acaba por sufocar a própria dimensão do desejo.

A psicanálise ensina que a mulher não se esgota na maternidade. O que "resta" é justamente o resto insuportável para o discurso corrente: o desejo que não se dirige ao filho, mas que aponta para uma alteridade que não se deixa domesticar. O debate reforçou que a ética da análise, neste contexto, não visa incriminar a maternidade, mas libertar a mulher dessa sobreposição exaustiva, permitindo que ela sustente seu desejo para além da demanda materna. A conclusão do encontro foi clara: é na sustentação dessa clivagem que a mulher encontra a possibilidade de respirar, protegendo seu desejo da engrenagem que a quer apenas como um objeto de cuidado.

6. Resenha crítica: A Cultura do Narcisismo e a Inveja — O Preço da Comparação no Mundo Contemporâneo

No encontro de setembro de 2025, o debate voltou-se para a articulação entre a "cultura do narcisismo" e o afeto da inveja, examinando como a lógica das redes sociais e a exibição constante da imagem pessoal têm exacerbado traços que, outrora, eram mais contidos no espaço privado.

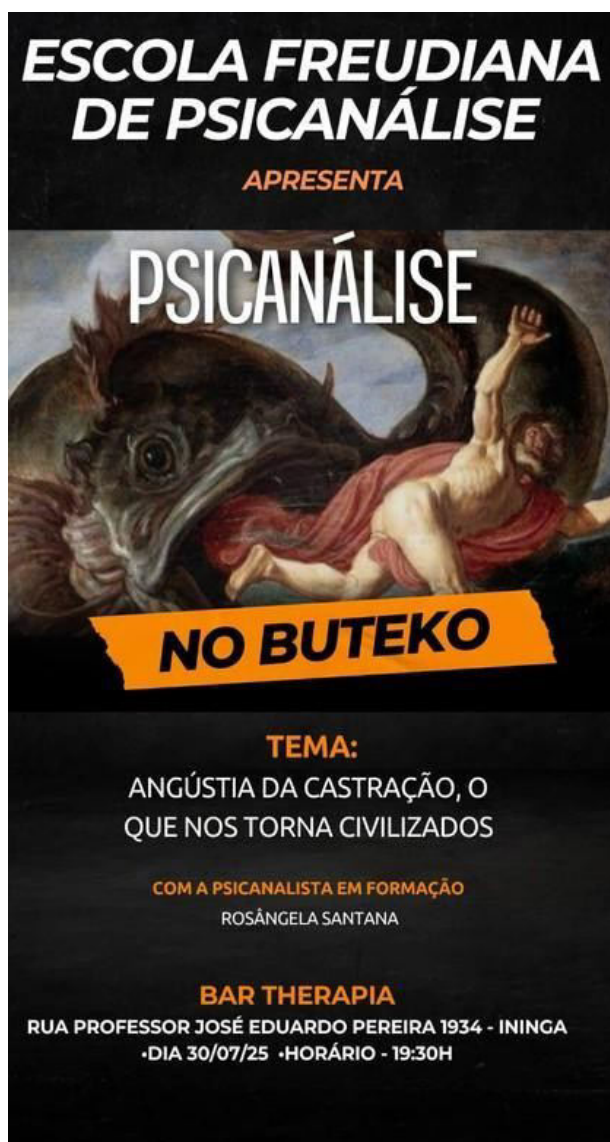
A discussão partiu da premissa de que vivemos em uma época que exige a "performance da felicidade", onde o narcisismo não se limita ao amor-próprio, mas configura-se como um esforço defensivo para sustentar uma imagem de completude frente ao olhar do outro. Nesse cenário, a inveja emerge não apenas como um desejo de ter o que o outro possui, mas como uma tentativa de destruir a diferença e a falta, na medida em que o sucesso alheio — amplificado pela tela — é percebido como uma afronta à própria insuficiência.

O encontro evidenciou que a inveja, na perspectiva psicanalítica, é um afeto que ataca o laço social.

Ao nos compararmos incessantemente com imagens idealizadas, o sujeito é arrastado para fora do seu próprio desejo, passando a medir sua existência pelo valor de troca e pela aprovação externa. A conclusão do debate destacou que a psicanálise atua como um antídoto a essa cultura ao convocar o sujeito a sair da comparação imaginária e retornar ao seu próprio desejo, único lugar onde a inveja perde a sua força paralisante.



7. Resenha Crítica: Angústia de castração — O que nos torna civilizados



A psicanálise nos convida a uma leitura incômoda sobre a civilização: o que chamamos de "cultura" ou "civildade" não é o triunfo da bondade humana, mas o resultado de uma renúncia. A angústia de castração, longe de ser um conceito puramente clínico ou arcaico, é a bússola que orienta nossa inserção no laço social.

É através da aceitação (consciente ou não) da falta que o sujeito sai do registro do "tudo" e entra no registro do possível.

A castração como limite ao gozo

A tese que sustenta este encontro é a de que a civilização exige uma interdição. Se o ser humano fosse capaz de satisfazer todos os seus desejos, não haveria encontro, apenas consumo. A angústia de castração funciona como o anteparo que barra o gozo desenfreado. Quando o sujeito se depara com a impossibilidade de ser o objeto pleno para o outro, ele é empurrado para a cultura — para a troca, para a palavra e para a criação. O que nos torna "civilizados" é, portanto, a marca da falta que nos habita e nos obriga a negociar com a existência do outro.

"Os nossos complexos são a fonte da nossa fraqueza; mas muitas vezes, eles também são a fonte da nossa força".
— Sigmund Freud —

O avesso da civilidade Em tempos onde o discurso social prega a satisfação imediata e a eliminação de qualquer desconforto, a angústia de castração torna-se um alvo de ataque. Tentamos, a todo custo, negar a nossa finitude através de objetos, telas e narcisismos digitais. No entanto, a psicanálise nos lembra que a tentativa de negar a castração é, paradoxalmente, o que mais produz barbárie. Sem a mediação da falta, o outro torna-se um obstáculo a ser eliminado, e não um parceiro de diálogo.

Conclusão:

O Buteko como espaço de partilha da falta Debater a castração em um bar é um exercício de ética. Ao ocuparmos o "buteko" para falar sobre aquilo que nos limita, transformamos a angústia em um ponto comum. O bar, este espaço de encontros aleatórios e conversas que se perdem e se acham, é o cenário ideal para reconhecer que todos nós, à nossa maneira, carregamos a cicatriz da castração. Afinal, só conseguimos brindar com o outro porque aceitamos que não somos completos, e que é exatamente nessa fenda que o humano se torna civilizado.

8. Resenha Crítica: Psicanálise e Religião — A Fronteira entre o Sintoma e a Fé

Este o tema permite uma reflexão fundamental sobre os limites e as interseções entre a experiência subjetiva e a fé.

Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina



O encontro de junho de 2025 propôs um debate instigante sobre uma das tensões mais clássicas do pensamento freudiano: a relação entre a psicanálise e o fenômeno religioso. Longe de pretender o esvaziamento da crença ou a defesa de um ateísmo dogmático, o debate buscou investigar como o sujeito contemporâneo transita entre o saber analítico e a verdade religiosa.

A questão central que permeou a discussão foi: de que maneira o discurso religioso opera como uma forma de "ilusão" — no sentido freudiano — que visa proteger o sujeito do desamparo original? A psicanálise, ao abordar a religião, não a reduz a uma patologia, mas interroga como ela responde ao real da castração e à angústia inerente à existência.

O que se observou na reflexão trazida pelo encontro foi que, enquanto a psicanálise convoca o sujeito a se responsabilizar pelo seu desejo e a interrogar o seu sintoma, muitas vertentes religiosas oferecem, por vezes, um fechamento de sentido que visa aplacar essa mesma angústia.

No entanto, a discussão avançou para além desse embate, questionando se a ética do analista, em sua neutralidade, permite também um acolhimento da dimensão da fé como parte da singularidade do paciente, desde que esta não impeça a travessia do seu próprio fantasma.

Ao final, o encontro de junho reforçou que o diálogo entre psicanálise e religião é, em última instância, um diálogo sobre o que o sujeito faz com o seu vazio. Se a religião busca preenchê-lo com a crença, a psicanálise propõe que é justamente a sustentação desse vazio que possibilita a ética do desejo.

9. Resenha Crítica: Bebê Reborn — Entre o Objeto-Fetichismo e a Busca pelo Falo

Dentre as provocações trazidas pelos encontros de maio de 2025, o debate sobre o fenômeno dos "bebês reborn" destacou-se como um ponto de interrogação sobre as dinâmicas subjetivas na contemporaneidade. A questão posta — seria o bebê reborn uma busca do falo? — abre uma via de investigação sobre o lugar do objeto na economia do desejo.

Ao analisar a perfeição técnica dessas bonecas, que mimetizam a vida com precisão quase perturbadora, somos levados a questionar se o que está em jogo não é a tentativa de suturar, via fetiche, a falta estrutural que constitui o sujeito. Se o falo, na psicanálise, representa aquilo que falta e que movimenta o desejo, o bebê reborn surge, neste contexto, como um objeto que promete uma presença plena, um "objeto-falo" que, paradoxalmente, tenta ocupar o vazio da castração.



Diferente da criança real, que traz consigo a alteridade e a irrupção do imprevisto, o bebê reborn oferece uma satisfação silenciosa e sob controle. A discussão realizada no encontro de maio apontou que essa busca reflete um sintoma da nossa época: o esforço constante para evitar o encontro com a falta e com a diferença do outro. Assim, o debate não se resumiu a uma crítica de costumes, mas a uma análise profunda sobre como tentamos, através de objetos, contornar a angústia da falta que, em última análise, é o que nos mantém desejantes.

10. Resenha Crítica: Relacionamento tóxico - uma busca do complemento D(N) o outro.

O "Relacionamento Tóxico" como Busca Impossível de Complemento no Outro - A Fantasia da Completude.

A Lente Psicanalítica

- A ilusão da realidade.

O termo "relacionamento tóxico" tornou-se um lugar-comum no discurso contemporâneo, servindo frequentemente como um rótulo simplificador para designar vínculos marcados pelo sofrimento, pela dependência ou pelo exercício de uma dominação perversa. No entanto, para uma leitura psicanalítica, é imperativo desconstruir essa noção de "toxicidade" — muitas vezes reduzida a uma falha de caráter do parceiro ou a uma dinâmica de abuso óbvia — para interrogar o que, na estrutura do sujeito, sustenta e mantém a busca incessante por um "complemento" que, em última instância, é impossível.

29 DE ABRIL 2025

5º PSICANÁLISE NO BUTEKO

Reagendado

REALIZAÇÃO:
ESCOLA
FREUDIANA DE
PSICANÁLISE

TEMA:
RELAÇONAMENTO
TÓXICO - UMA
BUSCA DO
COMPLEMENTO
D(N)O OUTRO

COM MAURÍCIO
GUIMARÃES

CHAMA BAR
RUA GENERAL ALDEMAR ROCHA 2110/COM
LINDOLFO MONTEIRO-FÁTIMA
19:30H

A Ilusão da Unidade

A psicanálise, desde Freud e atravessando o ensino de Lacan, situa o desejo humano como efeito da castração e do corte simbólico. O sujeito não é uma unidade completa; ele é, constitutivamente, um sujeito faltante. O "relacionamento tóxico", nesta perspectiva, pode ser lido como uma tentativa desesperada de negar essa falta.

Quando um sujeito descreve sua relação como "tóxica", mas permanece nela, revela-se a operação de uma fantasia onde o Outro (\$A\$) deveria ser aquele que provê a completude que o sujeito não encontra em si mesmo. Busca-se no parceiro não um sujeito, mas um "complemento" (\$D(N)outro\$) que venha tapar o buraco do real da existência. O drama, porém, reside no fato de que o Outro, por ser também faltante, jamais poderá oferecer o que é demandado.

O "Tóxico" como Fixação da Pulsão

O que chamamos de toxicidade nos vínculos pode ser compreendido como uma modalidade de satisfação pulsional que se engata no que é destrutivo. A repetição — o automaton — torna-se

evidente: o sujeito volta ao mesmo lugar de dor.

Nesse movimento, o parceiro não é amado pelo que é em sua alteridade, mas é investido como objeto que confirma a posição do sujeito no fantasma. A "toxicidade" é, então, o nome dado ao gozo que se obtém na queixa, na submissão ou na tentativa de controle absoluto sobre o outro. O parceiro "tóxico" acaba por ocupar o lugar do objeto que, embora faça sofrer, garante uma estabilidade à custa da anulação da própria subjetividade.

A Ética da Diferença

A saída psicanalítica para a asfixia desses vínculos não passa por uma reeducação moral ou pela simples busca por "pessoas saudáveis", mas pela travessia da fantasia. Trata-se de reconhecer a radical alteridade do outro. O Outro não é um complemento; é, fundamentalmente, alguém com seu próprio desejo, para além das demandas de completude que lhe impomos.

Aceitar a inexistência da relação sexual — na máxima lacaniana de que "não há relação sexual" — é o passo ético fundamental. Significa admitir que não há garantias de que o outro nos completará ou nos entenderá plenamente. Ao renunciar à fantasia do "complemento", o sujeito abre espaço para que o amor, quando ocorre, seja um encontro entre dois seres faltantes, e não um conluio entre dois vazios tentando se preencher.

Nota: Lianças:

Esta resenha propõe que o "relacionamento tóxico" seja analisado não como um erro externo, mas como um impasse estrutural da posição subjetiva frente ao desejo. Ao problematizar a demanda de completude, deslocamos o foco da "vítima" ou do "agressor" para a responsabilidade do sujeito sobre o que ele consente em sua própria economia de gozo.

11. Resenha Crítica: Pulsão de Morte e a Relação com Esportes Radicais

Esta resenha propõe uma leitura que retira a psicanálise do pedestal acadêmico sem trair seus fundamentos, utilizando a análise dos esportes radicais como via de entrada para discutir a economia pulsional no contemporâneo.

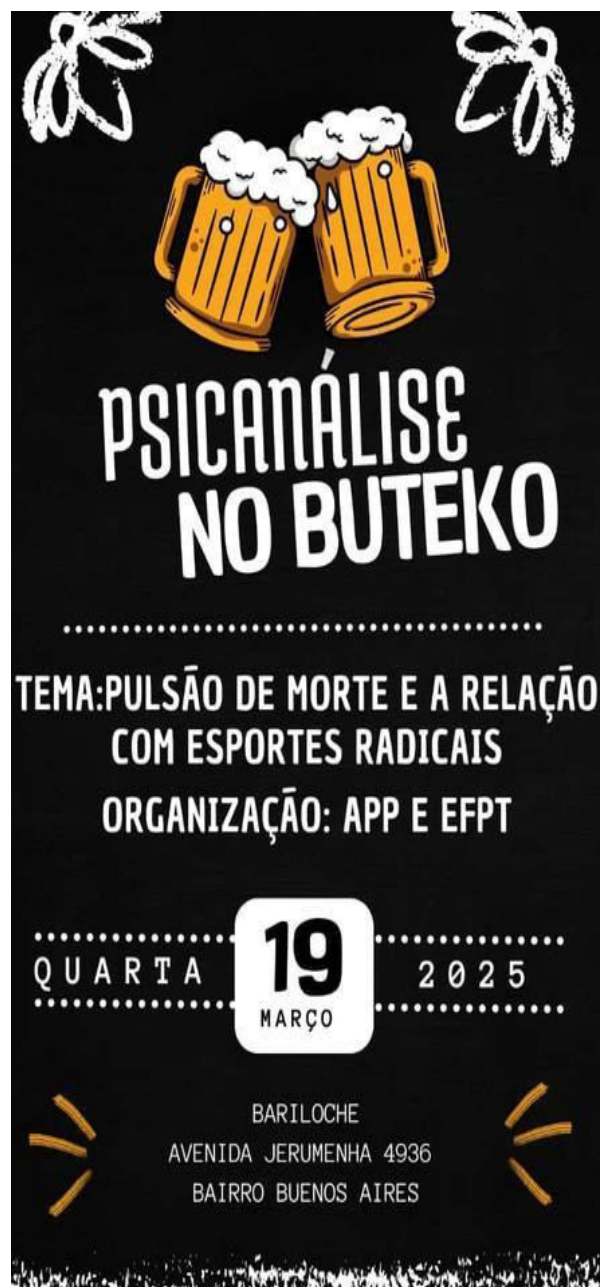
A clínica contemporânea tem se deparado com um fenômeno crescente: a busca deliberada pelo limite. Seja na prática de esportes radicais — onde o corpo é colocado à prova da gravidade e do risco — ou nas formas diversas de "abismo" que atravessam as subjetividades atuais, a psicanálise é convocada a responder. Frequentemente, a cultura popular e até setores da psicologia mal informada rotulam essas condutas sob a rubrica simplista da "pulsão de morte" (Todestrieb). Mas, será que saltar de um penhasco ou buscar o perigo é, de fato, um desejo de fim?

Desmistificando o "Destino Final"

A primeira tarefa é esclarecer a confusão frequente que reduz a pulsão de morte ao desejo de não-existir ou à autodestruição niilista. Em Freud, especialmente a partir de Além do Princípio do Prazer (1920), a pulsão de morte não é o desejo de

morrer, mas a tendência do organismo a retornar a um estado anterior de ausência de tensão.

Quando um atleta pratica um esporte extremo, ele não está necessariamente "buscando a morte". Pelo contrário, ele está buscando um excesso de vida. O corpo, imerso na aceleração do cotidiano ou na apatia da rotina, encontra no risco um "mais-além" da homeostase. É uma tentativa de forçar a saída do campo do sentido para um campo de pura intensidade. A pulsão de morte, aqui, opera como a força que rompe a proteção do Eu, permitindo ao sujeito sentir que "ainda está vivo" justamente porque o perigo o retira da anestesia da existência digital e automatizada.



A Realidade por Trás da Tendência

O que se esconde por trás da escalada dos esportes radicais não é apenas a busca pela adrenalina — um marcador biológico insuficiente para explicar o gesto humano —, mas uma resposta à falência dos suportes simbólicos tradicionais.

Vivemos em uma sociedade que tenta higienizar a finitude. Ao eliminar o risco, eliminamos também a possibilidade de o sujeito se confrontar com a sua própria verdade. O esporte radical, nesse sentido, funciona como uma "cura pela experiência". Não é uma busca pelo fim, mas uma tentativa de ancorar a existência em algo que não seja puramente discursivo. No "buteko" da vida, diríamos: o sujeito precisa sentir o medo real para que o medo imaginário da angústia diária perca o seu poder paralisante.



O Esporte como Escora

A psicanálise precisa valorizar essa busca, não como uma patologia, mas como uma tentativa de amarração. O esporte radical, para muitos, opera como um sinthome: uma forma de costurar o real, o imaginário e o simbólico através da ação. Quando o corpo se lança ao abismo, ele busca, na verdade, uma borda. O risco é o que permite ao sujeito estabelecer uma fronteira entre ele e o nada. Em vez de condenar a pulsão de morte como o demônio da autodestruição, a psicanálise deve reconhecê-la como a potência que nos empurra para fora do conforto estagnado. O esportista radical não é um suicida em potência; é um artífice que usa a vertigem para, por um instante, silenciar o ruído do supereu que exige perfeição e produtividade constantes.

Conclusão

Ao olharmos para esses fenômenos com o rigor que a Escola Freudiana exige, percebemos que o abismo não é o destino, mas o espelho. A pulsão de morte, quando bem mediada pela prática, torna-se a condição de possibilidade para a vitalidade. Desmistificar esse conceito é devolver ao sujeito a responsabilidade pelo seu próprio gozo. No fim das contas, a psicanálise no "buteko" é isso: entender que, entre o medo de cair e a vontade de voar, há um sujeito tentando, desesperadamente, habitar o próprio corpo.

12. Resenha Crítica: A Construção da Identidade na era digital: como as redes sociais afetam a formação da identidade e a expressão do eu.

A construção da identidade na contemporaneidade atravessa um ponto de mutação sem precedentes. Se, para a psicanálise freudiana, a formação do "eu" era um processo mediado pelo olhar do outro e pela estruturação do narcisismo, na era digital, esse olhar se tornou onipresente, quantificável e, paradoxalmente, alienante. Esta resenha propõe uma reflexão sobre como as redes sociais deixaram de ser meros espaços de sociabilidade para se tornarem os novos locus de estruturação subjetiva, onde a expressão do eu se confunde com a performance para o mercado da visibilidade.

A identidade, tradicionalmente concebida como um processo de sedimentação simbólica mediado pela palavra e pelo desejo do Outro, enfrenta, na era digital, uma mutação radical. A proposta desta análise é investigar como as redes sociais, ao se tornarem a instância principal de validação da existência, afetam a formação da subjetividade e a expressão do Eu.

O ponto central desta questão reside na passagem do "Eu" como construção do inconsciente para o "Eu" como performance visual. Nas redes sociais, a identidade não se forma pelo reconhecimento em um laço social direto, mas através de um sistema algorítmico que impõe a necessidade de uma visibilidade constante. Esse fenômeno gera uma cisão na estrutura do sujeito: enquanto o Eu clínico é pautado pela falta e pela singularidade, o "Eu digital" é pautado pela completude aparente e pela demanda de aprovação imediata.

A crítica fundamental que se impõe é que, ao buscarmos a construção da identidade por meio da exposição, criamos um paradoxo clínico. A expressão do Eu na rede não busca a subjetivação, mas a homologação. Ao transformar a própria vida em um catálogo de imagens, o sujeito acaba por alienar-se em sua própria vitrine, perdendo a dimensão da "extimidade" — aquele lugar onde o íntimo se

A psicanálise debatida em uma roda de bar.



torna público, mas preserva um núcleo de mistério. O que observamos é uma identidade que se torna líquida, vulnerável ao fluxo de likes e à descartabilidade dos conteúdos.

Conclui-se que a era digital não anula a formação da identidade, mas a submete a um novo imperativo ético. A formação do sujeito moderno não é mais apenas sobre o que ele diz, mas sobre como ele se apresenta ao mercado da visibilidade. Para a psicanálise, o desafio permanece inalterado em sua essência: resgatar o sujeito da sedução da imagem. A verdadeira construção da identidade deve resistir à transparência algorítmica e encontrar, na palavra e no silêncio do consultório, o ancoradouro que as telas, por sua natureza, não podem oferecer.

13. Resenha Crítica: Reflexão apresentada pelo Psicnalista em Formação Cândido Coelho Neto.



Psicanálise e a nova geração

A psicanálise, desde suas origens com Sigmund Freud, tem evoluído para abordar as complexidades da mente humana e suas interações com a sociedade. Na era contemporânea, a nova geração enfrenta desafios únicos que moldam sua psique de maneiras distintas. A rapidez das mudanças tecnológicas, a globalização e a crescente presença das redes sociais têm um impacto profundo na formação da identidade e das relações interpessoais.

Neste contexto, a psicanálise se adapta para compreender e tratar as ansiedades e conflitos emergentes. A nova geração lida com questões de saúde mental como nunca antes, com um aumento notável na conscientização sobre transtornos de ansiedade, depressão e outros. A psicanálise oferece uma lente para examinar essas questões, destacando a importância do inconsciente e dos processos internos na formação das experiências individuais.

Além disso, a diversidade cultural e a busca por identidades autênticas são temas centrais para os jovens de hoje. A psicanálise, ao explorar as dinâmicas familiares, traumas passados e influências socioculturais, ajuda a nova geração a navegar em um mundo em constante transformação. O papel dos psicanalistas torna-se crucial para auxiliar os jovens a encontrarem equilíbrio e bem-estar, promovendo um entendimento mais profundo de si mesmos e de suas relações.

Nota A psicanálise continua a ser uma ferramenta valiosa na compreensão das complexas realidades psicológicas da nova geração, oferecendo insights e métodos terapêuticos adaptados às necessidades contemporâneas.